

Capoeira e frevo

Com apoio do Serviço Socia. do Comércio — Sesc será realizado no dia 14 de dezembro, na praça do Derby das 9 às 21 horas, a 1ª Confraternização de Capoeira Maracatu e Frevo do Recife com a participação das Escolas de Capoeira do Recife dos mestres Mulatinho Bigode e Zumbi Bahia.

A abertura do espetá-

culo se dá com “As Taboquinhas” do Sesi, depois vem o Batismo de Capoeira, com o Sesc, Sesi e LBA. A programação segue com a apresentação do Frevo Canção pela Orquestra Sinfônica Juvenil de Pernambuco, Frevo de Bloco pela Banda de Música do Sesi de Moreno, Frevo de Rua pela Orquestra Municipal do Recife.

Orixalá Guiãn

Sem festa especial, os umbandistas na noite natalina esperam o Jesus Menino (Orixalá Guiãn) com lapinha e árvore de Natal. A informação é de Pai Edu, para quem as festas de fim de ano do umbandista não se distanciam da religião católica por que "os umbandistas gostam das festas populares, das festas profanas realizadas neste período e, estão mais preparados, mais seguros que os católicos: assistem a Missa do Galo e comemoram como todo mundo".

Eduino Barbosa Pai Edu, disse ainda que o espírito natalino do umbandista, candomblé e espíritas de um modo geral se inicia no dia 1º de dezembro, embora uns três meses antes quando os cajueiros começam a florir e as plantas de um modo geral se despem das velhas fo'hagens para receber novas eles comecem a preparar porque o "espiritismo vai pela natureza".

Acrescentou que mesmo com o início, para os católicos do ciclo natalino no dia de Santa Luzia — Osans — o espírita só inicia bem antes. Na passagem do ano novo há uma maior confraternização e, existe em todas casas de umbanda por obrigação a tradição de oferecer munguzá de milho branco que significa Paz, Felicidade e Sucesso. Contudo essa preparação para um novo ano antigamente era também feita nos engenhos com munguzá preparado pelas sinhazinhas foi trocado pelos uisques e outras bebidas.

CONSELHOS

Como conselho para se ter um ano feliz e promissor Pai Edu disse que além de munguzá, as pessoas devem jogar arroz cru na casa colocar um pé de alecrim e defumar a residência com alecrim seco na noite de ano e não passar de um ano para o outro com lágrimas e muito menos obrigar que os filhos estejam em casa à meia-noite, pois é nessa correria para se encontrar os parentes e amigos que ocorrem acidentes.

— Peço que as pessoas que perderam os entes queridos, por morte natural ou trágica — disse — que os deixem em paz, pois o tempo não volta e se confraternizem.

É maravilhoso esquecer as intrigas e perdoar os inimigos mas que não voltem a comer na mesma mesa e dormir na cama com eles.

Festa de Iansã começa cedo e vai à madrugada

Santa Bárbara — Iansã — teve o seu dia comemorado ontem, nos terreiros de umbanda e candomblé de todo o país. Segundo o pai de Santo Edu, Iansã significa para os umbandistas a senhora da razão da justiça, santa guerreira, fiel e muito enérgica. O Palácio de Iemanjá teve este ano mais uma razão para homenageá-la com uma grande fogueira e muita festa que começou às 2h e terminou pela madrugada, porque este ano foi comandado por ela. "Oitenta foi o ano da mulher e para mim um ano muito feliz em todas as minhas previsões".

A festa que foi iniciada anteontem, com a preparação da fogueira e sacrifícios todos passados em dendê, pimenta da costa, mel de abelha (para adoçar a vida) e outros preparos como sementes da África que colocam todos os orixás para fora, pombas (gizes da África) e cantos para a alegrar e queimar os azares.

Os frequentadores levaram madeiras com as incertezas, impurezas, doenças e falta de amor para serem queimados na fogueira, e pediu-se que tudo fosse queimado — tudo de ruim, pois a homenageada que é reconhecida pelas cores rosa ou coral é a senhora dos raios, das tempestades, dos cemitérios e a única orixá que leva o filho à derradeira morada.

CAPOEIRA

X Neste dia 14, na Praça do Derby, sob o comando do Mestre Zumbi Bahia, participação dos capoeiristas do SESI, incentivando e divulgando as coisas da cultura nacional. O cultivo da capoeira, além de se constituir em elemento de lazer para quem a pratica, representa uma forma de preservação e divulgação de elemento folclórico de grande beleza plástica, desconhecido por muitos.

Centro Espírita leva a Yemanjá várias oferendas

O Centro Espirita Padre Cícero Romão, localizado em Afogados realiza a partir das 21h uma romaria a praia de Piedade levando uma panela de oferendas a Iemanjá. Na praia será realizado um ritual com danças e cantos em homenagem a "Rainha do Mar".

Dirigido pelo pai de santo Alcindo Bezerra de Medeiros o centro localizado na rua do Bom Gosto, 91, foi fundado há mais de oito anos.

Edu afirma que 1981 será ano muito negativo

O babalorixá Pai Edu disse ontem que o ano de 81 será comandado por Xangô e a tendência é de "salve-se quem puder". Afirma que a inflação vai aumentar, crescerá a tendência para o alcoolismo, uso de tóxicos, frustrações e outros acontecimentos negativos, como desavenças entre pais e filhos, maridos e esposas, políticos e artistas. (Pág. 10).

IEMANJÁ

PAULO
ROBERTO PERES

Na noite do último dia do ano, nas diversas praias brasileiras, reúnem-se os umbandistas para a homenagem à Iemanjá, o Orixá das Águas, a Rainha do Mar. Muitas pessoas, turistas, curiosos e mesmo adeptos de outras religiões acorrem às praias, testemunhando um ritual que não entendem, mas que no íntimo respeitam e, às vezes, temem. Perseguida e ridicularizada no passado sobre o nome de macumba, a Umbanda possui hoje cerca de 35 milhões de adeptos e perto de 100 mil terreiros no Brasil e já se espalha por toda a América Latina e chegou aos Estados Unidos, onde existe a Umbanda Picture Corporation.

Por que a noite do réveillon a Umbanda vai à praia? Segundo o professor Edmundo Vieira, catedrático de Antropologia, Folclore e Cultura Brasileira em várias universidades, além de especialista em folclore afro-brasileiro, umbandista e babalaô, "os seguidores da Umbanda se reúnem na orla marítima sem correlação alguma com o chamado

réveillon. Diante do mar, prestam homenagem a uma das forças componentes do Planeta Terra, um dos seus campos energéticos, o Orixá Iemanjá. Todo o volume de águas salgadas do Planeta toma o nome de Iemanjá na Umbanda. Ocorre que, da mesma forma como a cultura européia nos fala em potencial hidrelétrico, os africanos se referem ao Orixá. Os umbandistas acreditam que a forma do mar é maior do que a da humanidade inteira. O Orixá Iemanjá, que é uma entidade feminina, está, portanto, acima do homem e abaixo de Deus, também chamado Olorum".

Salienta o professor, que esta compreensão do ritual de Umbanda não é generalizada. "Muitos ainda se debatem em preconceitos e se recusam a aceitar como racionais os fenômenos que presenciaram no ritual de fim de ano".

Sobre o significado do ritual, Edmundo Vieira esclarece que, "como a homenagem é prestada ao elemento líquido, o bar-

Ritual que poucos entendem, mas que é temido por muitos

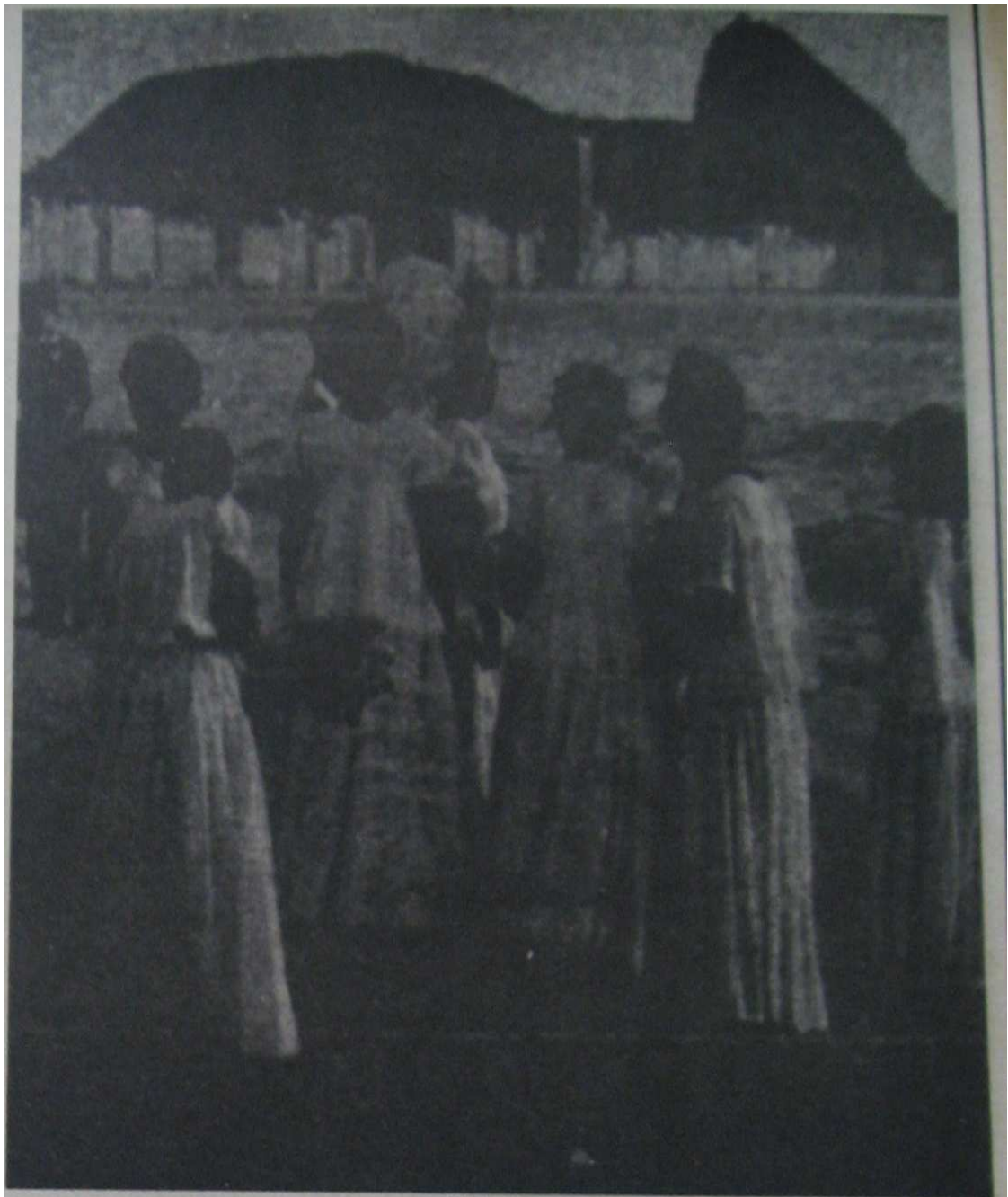
quinho normalmente lançado às águas transporta aquelas coisas que os umbandistas consideram ritualisticamente uma oferenda digna do culto do Orixá feminino Iemanjá. Assim, o barquinho leva pentes, sabonetes, perfumes, leques e caixinhas coloridas com fitas ao Orixá. São estes os tipos de oferendas comumente usados”.

“É também verdade, acrescenta o professor, “que o barquinho leva as esperanças de muitos para o ano que se inicia. Alguns acreditam que se atirando na água para impulsioná-lo, mesmo que não saibam nadar, não morrem afogados. Durante as oferendas, outros umbandistas permanecem na praia, preparando homenagens ao grande Orixá. Cada Orixá tem um conjunto de orações, adereços e maneira de se vestir. Então, quando olhamos para um médium, sabemos imediatamente a que entidade ele está prestando culto. A maneira de dançar de quem recebe a vibração de um Orixá é diferente de outros Orixás, pois todo Orixá

tem seu jeito próprio e particular de dançar”.

Outro fator que chama atenção dos presentes ao ritual é o uso de charutos, dos abraços ombro a ombro e de alguns umbandistas rolando pelo chão a receber entidades. Edmundo Vieira diz que do charuto somente a fumaça tem importância. Ela é usada para expurgar as vibrações malélicas do corpo físico. Já o abraço típico do ritual é um gesto de confraternização. Existem vários gestos na Umbanda, sempre de acordo com o Orixá homenageado. O rolar no chão que impressiona muitas pessoas não é intrínseco no ritual.

“A incorporação umbandista não tem a suavidade da incorporação nos centros espíritas e budistas. Quando ela vem violenta, essa agressividade está ligada ao grau de evolução da entidade. Numa incorporação violenta pode ocorrer duas hipóteses: ou o médium não está devidamente treinado ou talvez não seja uma boa entidade que se incorpora nele”.



Muitos ainda recusam a aceitar como racionais os fenômenos do ritual

De Oxalá a Oxossi, são sete as linhas de Umbanda

As linhas de Umbanda não são mais do que os diferentes grupos de espíritos que, em perfeita organização e harmonia, trabalham na Umbanda, conforme diz Antônio Alves Teixeira Neto em "Pombo-Gira, as duas faces da Umbanda", acrescentando ainda que são sete as linhas da Umbanda:

1 - Linha de Oxalá, dividida em sete falanges: Santo Antônio, São Cosme e São Damião; Santa Rita, Santa Catarina; Santo Expedito; São Benedito e São Francisco de Assis.

2 - Linha de Iemanjá, dividida nas falanges: das Sereias, chefiadas por Oxum; das Ondinas, chefiadas por Nanã; dos Caboclos-do-mar, chefiados por Indaiá; das Caboclas-do-rio, chefiadas por Iara; dos Marujinhos, chefiados por Tarumã; dos Calungas, chefiada por Calunguinha e da Estrela Guia, chefiada por Santa Maria Madalena.

3 - Linha do Oriente: falange dos Indus, chefiada por Zartu; dos Médicos

e Cientistas, chefiada por José de Arimatéia; dos Árabes e Marroquinos, chefiada por Jimbaruê; dos Japoneses, Chineses, Mongóis e Esquimós, chefiada por Ori do Oriente; dos Egípcios, Aztecas, Incas, chefiadas por Inhoaraí; dos Maias, Totelcas, chefiadas por Itataiaci; dos índios Caraíbas, Gauleses, Romanos, antigos povos europeus, chefiada por Marcus, imperador romano.

4 - Linha de Oxossi: falange do caboclo Urubatão; Araribóia; Caboclo-das-sete-encruzilhadas; Águia Branca, falange dos peles vermelhas; Tamaios, caboclo Grajaúna; Guaranis, caboclo Araúna e Cabocla Jurema.

5 - Linha de Xangô, tem seus trabalhos supervisionados pelo anjo Sakiel: falange de Inhasê, chefiada por Santa Bárbara; Caboclo-do-Sol-e-da-Lua; Caboclo-do-vento; Caboclo-das-cachoeiras; Caboclo Treme-Terra e dos pretos.

6 - Linha de Ogun, cujos trabalhos são supervisionados pelo anjo Samuel: Ogun Beira-mar; Ogun Rompe-mato; Ogun Iara; Ogun Megê; Ogun Malei; Ogun Nagô e Ogun Naruê.

7 - Linha Africana ou Linha de São Cipriano: Povo-da-Costa, chefiada por Pai Cabinda; Povo-do-Congo, chefiada por Rei-do-Congo; da Angola, chefiada por Pai José; Povo-de-Ben-

guela, chefiada por Pai Benguela; Povo-de-Moçambique, chefiada por Pai Jerônimo; Povo-de-Luanda, chefiada por Pai Francisco e Povo-de-Guiné, chefiada por Zon Guiné.

Uma cerimônia na Umbanda, segundo Antônio Alves Teixeira Neto, começa com a defumação do terreiro e dos presentes, o risco do ponto cabalístico, as curimbas alusivas. A seguir invocam Exu, o mensageiro abridor dos caminhos entre o Céu e a Terra: "Exu / Exu-Tranca-ruas / Me abra o terreiro / Me tranca a rua".

Os cantos são puxados pelo dirigente da seção e secundado pelo Ogã-de-terreiro, acompanhado pelos médiuns presentes. Terminado o intróito, fará o dirigente uma preleção moral e religiosa, a prece-de-abertura, e pedirá silêncio para a concentração. Dará então ordem ao Ogã-de-terreiro para chamar os guias. O primeiro ponto ou curimba que se canta é obrigatoriamente o do guia do dirigente da seção.

Quando este guia se incorpora, sozinho ou acompanhado, recebe as saudações dos médiuns. Todos em fila esperam sua vez para jogar no chão os ojas, deitar, bater a cabeça no colo, em usança bem africana. Ao mesmo tempo, a Mãe-Pequena agitará uma campainha sobre as cabeças dos mé-

diuns para saudar o anjo-da-guarda de cada um.

Levanta-se o médium, às vezes ajudado pelo guia para "saravá-lo" ou seja, para dar-lhe o abraço duplo, uma vez para a esquerda e outra para a direita. Quando os atabaques terminam de bater as cantigas típicas dos guias incorporados, passam a tocar para os guias de maior destaque da gira. Na seguinte ordem: os da linha de Oxossi, Xangô, Ogun, Pretos-velhos, Crianças e Exu.

Estes podem incorporar-se. Gostam de puxar seus próprios pontos e pedem licença: Agô-ia ao Ogã-de-terreiro. Ao soar a meia-noite é virado o santé, isto é, cobre-se o peji com uma toalha branca e apagam-se todas as velas, menos a que ilumina o ponto-de-segurança. Terminada a gira de Exu, o compadre, ou, quando não houver esta, depois da gira das crianças, começam os trabalhos de caridade, geralmente após um intervalo. Nem sempre são chamados todos os guias numa mesma seção e nisto os terreiros variam muito. Concluídas as consultas da caridade a prece-de-encerramento, abaixa-se, curva-se sobre o ponto de afirmação e canta: "Exu, Exu-Tranca-ruas / Me fecha o terreiro / Me abra a rua". Sopra a vela e todos se despedem.



O ponto alto do ritual: a entrega ao mar das oferendas a Iemanjá

Os deuses vieram da África nos porões dos navios

A Umbanda, segundo seus seguidores, são os deuses que vieram da África junto com os escravos do Rio Congo, de Angola e de Moçambique. Viajou nos porões dos navios negreiros e aliviou as noites de escravatura na senzala. Proibida, na época, de existir oficialmente, pois o catolicismo era a religião dos colonizadores, incorporou São Jorge, Santo Antônio e outros aos seus espíritos, fazendo o mesmo com os caboclos, divindades indígenas e com a seita de Alan Kardec.

Denominada Umbanda no Rio de Janeiro, Xangô no Recife e Candomblé na Bahia, a Umbanda é religião brasileira, gerada por sincretismos com veios ameríndios, europeus e asiáticos. É culto hospitaleiro que vai acolhendo na família panteônica divindades estrangeiras, vultos da lenda, da História e heróis populares. Segundo Armando Cavalcanti Bandeira, no livro "Umbanda, Evolução Histórico-Religiosa", são quatro os feitios de Um-

banda: espírito, ritualista, ritmada e rituada ritualista.

"Espírito": o mestre do culto fica sentado numa mesa, não usa roupas especiais ou veste-se de branco. Não há gira. Manifestam-se, como numa seção espírita, os pretos-velhos e os caboclos. Não incorporam Orixás; alegam que Orixá não é alma, é espírito da natureza, não nasceu na carne assim como as fadas e os duendes. Afirmam outros que os Orixás são almas de sacerdotes das forças da natureza, e, portanto, devem se manifestar com seus nomes humanos.

Tal feitio, se recusa de misturar os Orixás com os antepassados, assemelha-se ao culto dos Orixás no Candomblé de Queto, onde só descem os encantados. Na tradição do povo iorubá ou nagô (sudanês), que deu origem aos Candomblés, há cultos especiais para os mortos, como o que se pratica no misterioso Candomblé de Amoreira, na Ilha de Itaparica, na Bahia. Lá não aparecem médiuns incorporados. Os eguns surgem no barracão cobertos de panos suntuosos, em formas quadriculadas, pouco humanas, ou esguias, tapados dos pés à cabeça, dançando e falando com voz do outro mundo. Embaixo das roupagens sopra o vento de morte fatal para quem neles tocar. O egun é afastado dos vivos pelas varas compridas dos ojás.

Nessa liturgia, dizem que a incorporação na Umbanda deve ter vindo não dos sudaneses mas dos negros bantos, embora acrescente aos espíritos dos pretos-velhos e dos caboclos, antepassados indígenas, simbolizando tribos ou indivíduos. Esta primeira modalidade é a que prega com mais afinco a sua doutrina, havendo preferência pelas orações. A seção distingue-se por ser muito falada, já que não admitem as "curimbas sem os pontos riscados". Difícilmente acompanham as orações com palmas ritmadas.

"Ritualista": o mestre do culto dirige a gira, ou seja a roda dos filhos da fé, ao som de palmas ritmadas e curimbas. Todos se apresentam de branco, as mulheres vestem saias rodadas e os homens batas largas. Usam contos ou guias. Nos altares ou pejis misturam os santos católicos a figuras de sereias, pretos-velhos, índios, Budas, boladeiros, retratos de políticos falecidos, Negrinho do Pastoreiro, etc., e cada terreiro exhibe características próprias. Costumam sair para dançar nas praias ou matas.

"Ritmada": o mestre do culto age como na Ritualista; a diferença é a inclusão de instrumentos musicais — atabaques, pandeiros, macumba, agogôs, etc. Localiza-se nas Zonas Rurais, onde é possível bater os tambores até de madrugada, sem complicações.

"Ritmada e Ritualista": são usados instrumentos musicais e roupas típicas coloridas. Além do peji existem assentos para os Orixás, os atabaques são consagrados e é a modalidade que mais influência tem dos candomblés e cultos iorubás.

Dizem alguns estudiosos que a escravatura vinculou para o Rio de Janeiro era na maioria das terras bantas, ao Sul de uma linha imaginária, abaixo do Equador. Acima vivem os sudaneses, que povoaram o Nordeste. Predominando o culto dos antepassados entre os bantos que se identificavam com as coisas para melhor conhecê-las, inclusive com as almas. Fundiram seu ritos com os dos sudaneses e, posteriormente, sincretizaram-se com as correntes espíritas de Alan Kardec. Tal culto era praticado no Rio de Janeiro, muito cautelosamente, sob o disfarce de batuques e danças folclóricas, nas festas católicas.

Nesta semilegalidade permaneceram até a promulgação da Constituição de 1934, que estipulou a liberdade de cultos no Brasil. Mas até que tal lei fosse soberana, sofreram humilhações e violência, vem desse período o termo depreciativo "macumba". Quanto à origem etimológica, Umbanda significa "arte de curar, magia", segundo Armando Cavalcanti Bandeira.